

ENTREVISTA


Beatriz Keiko Zambon

“Eu não sou médica de segunda a sexta-feira. Vou de domingo a domingo.”

Beatriz Keiko Zambon entrou na Pinheiros em 2005. Sua primeira Residência no Hospital das Clínicas foi em Clínica Médica. A última, em Infectologia, que está terminando. Trabalha em dois hospitais. Nesta entrevista ela conta como se preparou no Etapa, como se desenvolveu na faculdade e quais são seus planos, que incluem pós-graduação em neuroinfecção e uma terceira Residência em UTI.

JC – Quando você decidiu estudar Medicina?

Beatriz – Decidi na metade do 3º ano aqui no colégio. Sempre tive dúvida sobre o que ia fazer. Numa época pensei em cursar História. Mas eu gostava muito da Medicina, até por conta do meu pai. Ele fez Pinheiros. E eu queria uma carreira que me desse oportunidade de fazer coisas diferentes. Na Medicina você pode ser desde a pessoa que vai cuidar de paciente até quem faz administração hospitalar. Dentro da carreira você pode escolher. Por exemplo, pode fazer Medicina Legal, Medicina do Trabalho.

Quando você prestou vestibular, em quais foi aprovada?

USP, Unicamp, Unesp, Paulista.

Qual o motivo de sua escolha?

Eu tinha mais contato com pessoas da Pinheiros. Além de meu pai ter se graduado lá, eu morava perto da faculdade.

E a questão familiar?

Meu pai nunca fez muita questão de que eu estudasse na Pinheiros.

Como era seu método de estudos?

Eu sempre gostei de ler. E o lance de ter prova todo dia dá uma certa disciplina.

No segundo semestre do 3º ano, quando você optou por Medicina, mudou sua rotina de estudo?

A única coisa que fiz de diferente foi focar para acabar as revisões. E estudei um pouco mais do que costumava estudar. Eu chegava em casa, almoçava, estudava até umas 5 horas da tarde, ia fazer algum esporte, alguma coisa. Jantava, recomeçava a estudar às 8, 9 horas da noite e ia até umas 3 horas da madrugada. Acordava às 6 horas. Consegui manter esse ritmo porque tinha um objetivo bem claro, passar no vestibular.

Você já conhecia a Pinheiros?

Eu ia muito ao Hospital das Clínicas por conta do meu pai. Mas nunca tinha entrado na Pinheiros, até a matrícula.

Como foi seu início na faculdade?

O 1º ano e metade do 2º são na Cidade Universitária. São duas matérias por dia, uma das 8 horas ao meio-dia, a outra das 2 às 6 horas da tarde. No primeiro dia na Pinheiros eles dão a lista de livros de cada matéria para você ler e cada livro tem 500, 400 páginas. Você fica perdida. Tem que se virar. Mas em uma semana, duas, você meio que pega o ritmo das aulas da faculdade. Os veteranos ajudam bastante, indicando que livro, que capítulo você deve ler, onde buscar.

ENTREVISTA

Carreira – Medicina

1
ARTIGO

Egito Antigo

5
POIS É, POESIA

Álvares de Azevedo (1831-1852)

8
CONTO

 Tiro-de-Guerra nº 35 –
 Antônio de Alcântara Machado

4
ENTRE PARÊNTESES

PUC – Questão de vestibular

7

Que matérias você teve em cada ano?

No 1º ano tem Bioquímica, Biologia Molecular, as Histologias, Anatomia. No 2º ano tem Fisiologia, continua tendo um pouco de Histologia, tem Prática Médica. No 3º ano começa o ciclo das Propedêuticas, você aprende a examinar e a tirar a história do paciente. Depois da Propedêutica você vai passar pela Clínica Médica, aprende sobre as grandes síndromes, os grandes sintomas, para fechar o diagnóstico e depois o tratamento, uma visão mais da patologia mesmo. No 5º e no 6º ano é o internato, que é o estágio. Sendo que o 6º ano é mais voltado para emergência. Fica-se mais tempo no pronto-socorro.

Qual é a diferença principal do 5º e do 6º ano em relação aos anos anteriores?

Até o 4º ano todos os atendimentos que você faz são tutorados por alguém, que guia, que explica. A partir do 5º ano a proposta é que você, aluno, é médico daquele paciente. Óbvio que você sempre vai ser supervisionado. Mas aquele paciente é seu, você vai examiná-lo, você é responsável por colher algum exame, pelo procedimento. Já no 5º ano você meio que vira médico, recebe essa atribuição.

Além das aulas do curso, o que mais você fez na Pinheiros?

Lá tem as ligas, os acadêmicos formam grupos de estudo de patologia ou de temas como hipertensão, doenças crônicas, com a tutoria de um professor e de um residente, até de um aluno mais velho. Você atende os pacientes com essas doenças para ter um pouco mais de proximidade com a clínica. Eu fiz liga de Sífilis e DST [Doenças Sexualmente Transmissíveis], fiz a liga de Hanseníase, fiz a liga da Dor. Fiquei quatro anos na liga de Hanseníase, um ano e meio na de Sífilis e um ano na de Dor.

Aulas e ligas. O que mais você fez durante os seis anos da graduação?

Fiz parte do MedEnsina, o cursinho da Pinheiros [cursinho de fundo social que usa material do Etapa], dei aula de História do 1º até o 5º ano. Fiz iniciações científicas do 2º até o 5º ano. E você pode também fazer estágios.

Você fez diversas iniciações científicas?

Fiz. Do 2º ao 4º ano fiz iniciações em Neuroanatomia, Neuro-oftalmologia, fiz algumas coisas. O que eu mais fiz foi em hanseníase.

Qual é a importância da iniciação científica?

A iniciação científica dá a primeira noção de como é seguir uma carreira acadêmica depois. A iniciação científica e a publicação [das pesquisas] contam para a prova de Residência.

Em que lugares você estagiou?

Do 2º ao 3º ano eu estagiei durante um ano e pouco no laboratório de Neurologia do Hospital das Clínicas. Às vezes ficava na Dermatologia também.

Qual é a diferença de fazer estágio no HC e em um hospital particular?

No HC a diferença não é tanto de conteúdo, a diferença é a diversidade de pacientes. No HC você vai ver mais casos diferentes.

O estágio é obrigatório?

O do 5º ano é obrigatório. Você faz uma parte no HC e uma parte no HU [Hospital Universitário]. Eles dividem, você tem que ter uma ideia de hospital secundário e de hospital terciário. O HU é hospital secundário, o HC é terciário.

O que caracteriza um hospital terciário?

É o hospital que tem uma complexidade maior de doentes.

E primário, o que é?

UBS [Unidade Básica de Saúde].

Cinco anos após ter terminado a graduação você continua como residente no Hospital das Clínicas. Por que tanto tempo na Residência?

Eu fiz dois anos de Residência em Clínica Médica e estou terminando o terceiro ano de Residência em Infectologia.

Por que escolheu Clínica Médica para sua primeira Residência?

No meio do caminho você vai aos poucos conhecendo as diversas áreas e define. Clínica entra como pré-requisito para você fazer outras coisas: Pneumologia, Reumatologia, Cardiologia.

O que motivou sua segunda Residência, em Infectologia?

Até por gostar muito de História eu via que as doenças infecciosas mudam um pouco o curso das coisas da humanidade. E o paciente infecto, pelo menos no hospital público, precisa tecnicamente mais de você. Ele é aquele usuário de droga, um paciente que tende a estar mais à margem da sociedade do que os outros. Nesses doentes os problemas sociais são mais evidentes. Ajudando essas pessoas você consegue fazer que melhorem um pouco. Fazendo com que entendam mais a doença deles, você consegue cortar de certa forma o ciclo de transmissão. É uma coisa dinâmica.

Como é a prova para entrar na Residência?

Começa com uma prova dissertativa dividida nas cinco grandes áreas. Tem uma questão de Cirurgia, uma de Ginecologia, uma de Pediatria, uma de Clínica e uma de

Preventiva. Não tem nada na prova que você não tenha visto na faculdade. Obviamente, a prova do HC tende a cobrar menos rodapé de livro. Depois tem a prova prática, que também não tem nada que você não tenha visto. E aí tem a entrevista. Na minha entrevista eu não conhecia ninguém. Na entrevista de Infecto eu não sabia nem quem estava lá.

Começa a Residência e você tem de dar plantões. Recebia apoio de médicos?

Na Residência, quando você está dando plantão, tem um assistente que está sempre por trás de você. Ou um residente mais velho. Qualquer problema você se reporta a essas pessoas. Você é bem escorado com isso. E quem faz Residência também dá plantão fora.

Onde era seu plantão?

Dei plantão em clube, ambulância, shopping, show, festas. Você trabalha muito. Vai pegando emprego para ver como é. No meio da R1 [primeiro ano de Residência] peguei um fixo num hospital chamado Pimentas, em Guarulhos, ao lado do Aeroporto de Cumbica. Fiquei no Pimentas uns três anos. Agora, além de Residência no HC, trabalho nos hospitais São Camilo e Brigadeiro.

Nessa fase, trabalhando sozinha, você chegou a ficar insegura ao atender os pacientes?

A primeira vez sempre dá medo: "Putz, estou sozinha, tenho que me virar". Inclusive, na Residência, quando você vai dar uma notícia de falecimento tem sempre alguém com você. Mas chega aquela hora em que você vai ter que fazer isso sozinha. Por mais que eles ensinem a abordar, você não sabe a reação da pessoa que está recebendo a notícia. Essa é a coisa que mais pesou quando comecei a dar plantão sozinha. Por mais que você saiba como tem que agir, nunca é fácil.

Este é o seu terceiro e último ano na Residência de Infectologia Geral. O que pretende fazer depois?

Uma coisa que penso em fazer é uma pós-graduação voltada para neuroinfecção. Se puder, queria ir para a Universidade de Washington, em Seattle. Também penso em fazer uma terceira residência em UTI. Na Infectologia você tem contato com a UTI, mas eu quero me especializar mais. Eu gosto de estudar e no ano retrasado prestei Fuvest de novo, para História.

Você voltou a estudar num curso de Humanas?

Fiz um semestre, mas acabei tendo de largar.

Como está o mercado para os médicos recém-formados?

O mercado para médico não é ruim. Trabalho sempre se arruma. O grande problema é que alguns lugares não têm

recursos para você exercer uma medicina de qualidade. E se você não dá o tratamento correto, está fazendo uma má prática médica. Se me submeto a trabalhar em um lugar em que não tenho condição de trabalhar, estou compactuando com isso e de certa forma sendo negligente. Médicos, se você for ver, não faltam tantos assim, mas eles são mal distribuídos. Eles tendem a se concentrar por conta não só do mercado, mas da estrutura de trabalho. Uma coisa que falta e que ninguém fala é enfermagem. O médico não trabalha sozinho. Pode ser o melhor médico do mundo, mas se não tem a pessoa que dá banho no paciente, que dá medicação, troca fralda, não adianta.

Esses profissionais estão em falta?

Na rede pública a quantidade de técnicos em enfermagem por paciente é às vezes defasada em relação até ao que os próprios conselhos preconizam. E a gente vê também que esses profissionais são extremamente mal pagos e desvalorizados.

O que você pode dizer a quem vai prestar vestibular para Medicina?

Se você vai fazer Medicina tem que saber uma coisa, você vai trabalhar muito, vai se dedicar muito. Depois do 5º ano da faculdade você deixa de ter sábado, domingo e feriado. Eu não sou médica de segunda a sexta-feira. Vou de domingo a domingo. Você tem que saber que é assim. Outra coisa, durante seis anos da sua vida você vai ganhar zero. Em seguida, durante dois a cinco anos, vai ganhar pouco. E só depois vai entrar no mercado mesmo.

Tinha alguma matéria no colégio que se mostrou importante para você?

Uma matéria que é muito importante, à qual às vezes a gente não dava muito valor, é Português e Redação. Na hora em que você está preenchendo um prontuário, escrevendo alguma coisa, vê que devia ter prestado mais atenção. A gente não ligava muito e vê depois que tem importância.

O que vem de lembrança aqui do Etapa?

A melhor época da sua vida é quando você está no colégio. Você aprende um pouco de tudo. Tem pessoas realmente interessadas em ensinar, interessadas em que você vire alguém dali para frente.

O que mais você pode dizer para os nossos alunos atuais?

É muito legal fazer Pinheiros, dá aquele selo, enche o ego, mas quando cai na vida profissional você conhece gente boa que fez faculdade e residência em tudo que é lugar. Você percebe que a qualificação não é só da faculdade que fez, conta muito o esforço. Mais para frente o que vai diferenciar você não é só a faculdade em que estudou, mas sim a pessoa que você é.